

**Resumo:** O objeto de estudo do presente artigo incide sobre a formação, a constituição e a organização da coleção da Livraria do Convento de Nossa Senhora da Serra da Arrábida no período de 1542 a 1834. Situada no complexo conventual, no meio da Serra da Arrábida, é uma das poucas livrarias conventuais de Portugal, que preservou tanto o espaço físico, como o núcleo bibliográfico, ainda que este se encontre atualmente integrado no Centro de Documentação da Fundação Oriente. Um conhecimento mais aprofundado e de teor crítico de como a Livraria evoluiu durante a existência do Convento da Arrábida (1539-1834) poderá vir a ser possível, explorando e abordando aspetos que definem qualquer biblioteca enquanto espaço físico e de conhecimento ou memória. Sendo um estudo de natureza qualitativa e quantitativa, e fazendo uso do método investigação documental, permite conhecer a dimensão numérica, a composição temática, a distribuição dos livros por idiomas e séculos, a organização da coleção – aspetos que, de forma concisa, são abordados neste artigo.

**Palavras-chave:** Biblioteca monástica; Biblioteconomia; Livraria do Convento da Arrábida, Ordem de São Francisco

**Abstract:** This study focuses on the formation, constitution and organization of the Library of the Convento de Nossa Senhora da Serra da Arrábida collection (Arrábida Convent), between the years 1542 and 1834. Located in the conventual complex in the middle of Arrábida mountain range, it's one of the few monastic libraries in Portugal that has preserved the physical space and its bibliographical collection, even though it is now part of the Documentation Centre of Fundação Oriente. A more in-depth and critical knowledge of how the library of the Arrábida Convent developed during its existence (1539-1834) may only be possible by exploring and addressing each aspect that defines any library as a physical place and a space of knowledge and memory. By means of a qualitative and quantitative study, and using the documentary research method, it was possible to depict the numerical dimension, the thematic composition, the distribution of books by language and date, and the organization of the collection, which will be summarized in this paper.

**Keywords:** Monastic Library; Library Science; Library of the Arrábida Convent, Order of Saint Francis

## Introdução

Durante séculos, as bibliotecas eclesíásticas afirmaram-se como as únicas instituições que produziram e preservaram o conhecimento humano. Foram constituídas para formar as suas comunidades, bem como transmitir a palavra de Deus, e acabaram por se transformar em verdadeiros santuários de saber e património bibliográfico. Neste contexto, qualquer estudo de uma biblioteca eclesíástica representa um campo transversal e/ou transdisciplinar, que reflete tanto elementos de história cultural, em geral, como aspetos da Ciência da Informação (CI), em particular.

Todavia, importa referir que “as bibliotecas conventuais não têm merecido da parte da historiografia uma atenção devida” (VAZ, 2013:133). No mesmo seguimento, Raimundo (2008) defende que as livrarias conventuais são menos contempladas nos estudos da bibliografia nacional, comparativamente a outros tipos de bibliotecas, como bibliotecas

personais, universitárias ou públicas, sendo estes “os temas mais abordados na história das bibliotecas portuguesas” (RAIMUNDO, 2008:201).

De outra perspetiva, estudos sobre tendências atuais de investigação no campo da CI referem como áreas mais estudadas aquelas que estão relacionadas com a informação, tecnologia e gestão (SILVA, 2013). Plenamente justificável no contexto em que a complexidade de processos em torno da informação em ambiente tecnológico, cada vez mais presente e mais ativo em todas as áreas da atividade humana, requerem estudos, análises, avaliações contínuas, para soluções atuais ou futuras, que em conjunto constroem um discurso paradigmático e tendencial no campo da CI, deixando pouco espaço para outras áreas de investigação. Todavia, nenhum presente ou futuro é construído sem os saberes e os conhecimentos das heranças e memórias do passado.

Neste contexto, para “compreender a história do livro, da leitura e das bibliotecas em Portugal implica, antes de mais nada, reconstituir esta realidade” (GIURGHEVICH e LEITÃO, 2016) das bibliotecas conventuais. É na perspetiva da CI, que foi iniciado e conduzido o presente estudo sobre a formação, a constituição e a organização da coleção da *Livraria* do Convento da Arrábida, no âmbito do Mestrado em Ciências da Documentação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. De forma sintética, pretende-se apresentar e discutir os resultados obtidos na presente de investigação, de natureza qualitativa e assente no método de pesquisa documental, que incidem sobre alguns aspetos da análise da coleção bibliográfica constituída entre os anos 1542-1834.

Esta investigação parte dos estudos seminais de Marques (1963), Barata (2003), Campos (2015) e Giurgevich e Leitão (2016) sobre as livrarias conventuais portuguesas, bem como do estudo de Jolly (1988) sobre a formação e a constituição das coleções religiosas a nível europeu de modo a permitir-nos uma análise comparativa. Todavia, continuam a faltar estudos de caso como este, que permitem uma análise mais fina de cada uma das bibliotecas, de modo a obtermos um conhecimento mais profundo e concreto acerca dos acervos bibliográficos das comunidades religiosas regulares, bem como a sua compreensão no contexto de cada ordem religiosa.

Em termos de estrutura, contextualiza-se a temática e o objeto de investigação, expõe-se a fundamentação teórica, definem-se os objetivos e a metodologia, apresentam-se as fontes - o *Catálogo Alfabético dos Livros, que se achão assim na Livraria como nas cellas dos Religiosos deste Convento* (1769-1770) e o *Inventário dos bens pertencentes ao Convento de Nossa Senhora da Arrábida* (1834) - a partir das quais se descrevem e discutem os resultados sobre a formação, a constituição e a organização da coleção, designadamente em termos de número de títulos e volumes, anos e lugares de impressão, idiomas, formatos e áreas de conhecimento de modo a extraírem-se conclusões.

### Contextualização

Situado no meio da Serra da Arrábida, o Convento de Nossa Senhora da Arrábida foi fundado em 1539 pelo franciscano espanhol Frei Martinho de Santa Maria. Pertenceu aos frades da Ordem Franciscana até 1834. Passadas três décadas da extinção das ordens religiosas, precisamente em 1863, o Convento e os 25 hectares envolventes da Serra da Arrábida foram adquiridos pela Casa de Palmela. Desde 1990, os respetivos espaços e o acervo bibliográfico da *Livraria* pertencem à Fundação Oriente.

A bibliografia existente (PIEADADE e JESUS MARIA, 1728-1737; PERESTRELO, 1952) atesta que, ao longo da sua existência, o Convento da Arrábida conheceu dois espaços destinados à guarda de livros e, eventualmente, ao espaço de leitura e estudo, designados de *Livraria Velha* e *Livraria Nova*. A *Livraria Nova*, conservada até aos nossos dias, encontra-se no espaço de clausura, no dormitório do primeiro socalco (PEREIRA, 1994), num lugar nobre, privilegiando o acesso da comunidade a partir dos espaços mais importantes do convento: igreja e cela dos prelados.

A evolução das *livrarias* conventuais foi influenciada, de algum modo, pela finalidade de cada ordem (pregação ou estudo), bem como pelas conjunturas históricas em que existiram. Deste modo, durante o Antigo Regime, no contexto português, foram dois os marcos que tiveram um impacto determinante sobre as *livrarias* conventuais: a criação da Real Mesa Censória, por alvará de 5 de abril de 1768, durante o período pombalino, com o objetivo de fiscalizar e exercer o controlo dos livros em circulação, e a extinção das Ordens Religiosas, através do decreto de 28 de maio de 1834. O primeiro visou a destruição ou a proibição dos livros considerados perigosos ou inconvenientes ao espectro de interesses do Estado, o que condicionou o desenvolvimento das coleções das bibliotecas em geral e das *livrarias* conventuais em particular. O segundo não destruiu livros, mas extinguiu as *livrarias* pertencentes às instituições religiosas, dispersando e encaminhando os núcleos bibliográficos conventuais para diversas bibliotecas da forma como as políticas liberais bem o entenderam na altura, alterando efetivamente o paradigma das *livrarias* conventuais para *livrarias* públicas (BARATA, 2003).

Importa referir que a coleção da *Livraria* do Convento da Arrábida não partilhou o mesmo destino de dispersão. Devido a um incêndio, que no final de setembro de 1834 deflagrou na Serra da Arrábida, a *Livraria* foi evacuada no Calhariz de Azeitão, onde permaneceu até 1990, quando transitou para a Fundação Oriente. Deste modo, o facto de se manter conservada ao longo de séculos, incluindo obras ainda do acervo primitivo<sup>1</sup>, oferece oportunidades de estudo diferentes face às *livrarias* de porte médio ou pequeno, cujos núcleos foram dispersos ou, em alguns casos, até perdidos.

---

<sup>1</sup> As notas adicionadas por I. Rocha aos registos do *Catálogo da Livraria do Convento da Arrábida* (1994) revelam que o acervo conserva, entre outras, três obras que, segundo a marca da posse, pertenceram ao D. João de Lencastre (1501-1571).

### **Fundamentação teórica**

Conhecer melhor as *livrarias* conventuais implica procurar investigar aspetos inerentes à atividade destas bibliotecas tais como: modo de organização das bibliotecas, constituição das coleções, áreas de conhecimento que integram, modo de utilização do livro, práticas de leitura, relação com a comunidade, o papel da *livraria* na formação da comunidade, entre outros. Neste seguimento, para identificar o estado da arte das bibliotecas conventuais no Antigo Regime, foram consultados os estudos existentes sobre as *livrarias* conventuais (revisão de literatura) em geral, e sobre a *Livraria* do Convento da Arrábida em particular. Destacamos, de forma sumária, alguns títulos que serviram de pontos orientadores para o que se pretendia estudar. O estudo *A Real Mesa Censória e a cultura nacional* (Coimbra, 1963), de Maria Adelaide Marques, oferece uma perspetiva global dos catálogos e seus conteúdos em 1769-1770, enquanto o título *Os Livros e o liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública* (Lisboa, 2003), de Paulo Barata, permite conhecer o estado da arte das *livrarias* conventuais portuguesas em 1834. Uma obra imprescindível para qualquer estudo sobre *livrarias* conventuais é o estudo *Clavis Bibliothecarum*, de Luana Giurgevich e Henrique Leitão (Lisboa, 2016), que apresenta um panorama global de catálogos, índices, inventários e outras listas, bem como documentos sobre a vida interna das bibliotecas, provenientes de cerca de 400 instituições religiosas. *Para se achar facilmente o que se busca: biblioteca, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)* (Lisboa, 2015) é um estudo de Fernanda Campos, que apresenta a biblioteca religiosa do século XVIII, tendo como fonte de análise os catálogos entregues à Real Mesa Censória e os livros dos conventos extintos, integrados na Biblioteca Nacional. Num espectro mais amplo, a obra *Unité et diversité des collections religieuses* (1988), de Claude Jolly, permite traçar uma identidade das *livrarias* conventuais no Antigo Regime com projeções comparativas a nível europeu. O mesmo expõe os critérios de modelos dominantes e particularidades gerais que caracterizavam as *livrarias* conventuais.

Ainda neste campo, os valiosos contributos de autores como Carvalho (1998), Vaz (2013) e Raimundo (2008), entre outros, permitiram desenvolver aspetos relacionados com a constituição das coleções bibliográficas, a organização dos documentos, as áreas de conhecimento e as práticas de leitura no Antigo Regime.

### **Objetivos e metodologia**

Tendo em conta que a *livraria* da Arrábida integra uma instituição franciscana, cujo lema era *pax et bonum*, diferente de *ora et labora* dos beneditinos ou *tolle et lege* dos agostinianos, importa saber que tipo de biblioteca construíram os arrábidos. A partir da questão de partida - Como se estruturava e organizava, nas suas dimensões espacial e documental, a *Livraria* do Convento da Arrábida nos séculos XVI-XIX? -, um dos propósitos consiste em definir a identidade da coleção bibliográfica da *Livraria*, que, serve também de objeto de discussão e reflexão neste artigo.

Para concretizar os objetivos estabelecidos, a opção metodológica aplicada no estudo, centra-se numa abordagem qualitativa e quantitativa, assente na investigação documental e, quando oportuno, no método comparativo.

No que concerne à análise do acervo bibliográfico, esta resultou do tratamento das informações contidas no *Catálogo Alfabético dos Livros...* de 1769-1770 e no Inventário de extinção de 1834, através da recolha e análise de dados.

### Fontes de análise:

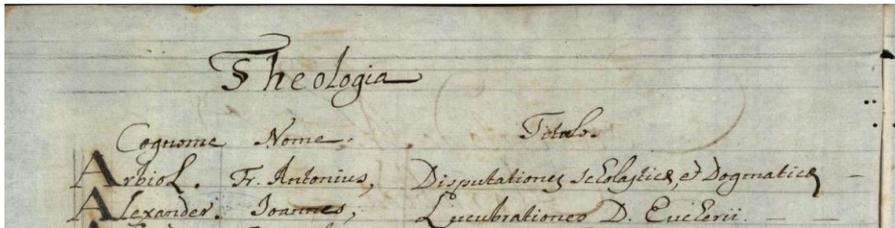
#### *Catálogo Alfabético dos Livros... de 1769-1770*

Antes da apresentação de resultados, apresentam-se as duas fontes manuscritas referidas, que serviram de suporte para a análise do acervo documental da *Livraria*.

O *Catálogo Alfabético dos Livros, que se açhão assim na Livraria como nas cellas dos Religiosos deste Convento*, foi elaborado entre 1769-1770 com objetivo de responder às medidas de controlo da circulação de livros definidas pela Real Mesa Censória, no edital de 10 de julho de 1769.

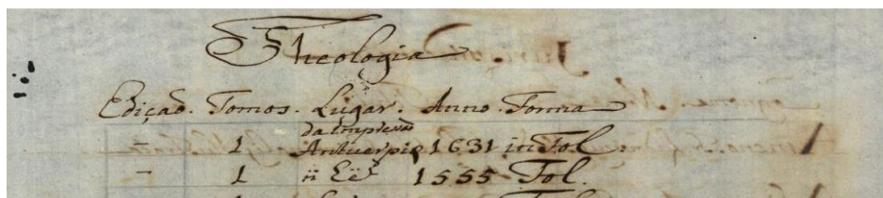
Em termos estruturais, o Catálogo em análise é constituído por 43 *folios* não numerados. Os *folios verso e recto* estão estruturados de forma a integrarem os elementos de descrição bibliográfica de cada documento. Para este efeito, o espaço de cada *folio* encontra-se dividido por colunas e linhas. O primeiro elemento de cada *folio verso e recto* é o nome da classe. A seguir, o início de cada *folio verso* reproduz, ainda, uma linha de cabeçalho com três colunas, nas quais constam a indicação dos elementos que correspondem respetivamente ao apelido (*cognome*), ao nome do autor e ao título da obra (Fig. 1).

**Fig. 1 – Elementos bibliográficos do folio verso**



O *folio recto* é dividido em cinco colunas, e contém na linha de cabeçalho a designação dos elementos acerca da edição, do número de volumes, do lugar de edição, do ano de edição e do formato, designados no catálogo como: *Edição, Tomos, Lugar de impressão, Anno, Forma* (Fig. 2).

**Fig. 2 – Elementos bibliográficos do folio recto**



Os documentos são agrupados por áreas de conhecimento, designadas por classes de acordo com o edital: *Teologia, Jurisprudência, Filosofia, Matemática, Medicina, História e Bellas letras*. Dentro de cada classe, os registos são estruturados por formato e ordem alfabética, assim como o título do catálogo refere.

Em suma, o conteúdo do Catálogo de 1769-1770 permite saber que livros tinham os religiosos do respetivo convento, quais as áreas de conhecimento que estes integravam, onde e quando foram impressos os respetivos livros.

### ***Inventário de extinção de 1834***

O *Inventário dos bens pertencentes ao Convento de Nossa Senhora da Arrábida* foi realizado em agosto de 1834. O registo dos volumes do acervo da *Livraria* abrange os folios 12v-17r de um livro com um total de 24 folios. A descrição dos livros no respetivo Inventário seguiu a sua localização física nas estantes. Neste contexto, a enumeração segue da estante n.º 1 à n.º 14 e, em algumas situações, com referência às prateleiras.

Sendo um inventário de bens que, entre outros bens patrimoniais, inclui também os livros, as únicas constantes projetadas são o valor monetário dos livros e o número de volumes. Os outros elementos são apresentados de forma dispersa ou sumária, como é o caso das referências aos autores, títulos, idiomas e formatos. Para ilustrar, em alguns casos, a descrição *desaseis volumes, exercícios de Piedade para todos os Dias do anno* “Autor *Jenecio*” em *duzentos e quarenta reis*<sup>2</sup> informa sobre o número de volumes, o título, o autor e o seu valor, mas não indica o formato ou idioma, por exemplo, como acontece na descrição de outros documentos. Em outros casos, todos estes elementos faltam totalmente, exceto o valor financeiro e a designação do tipo de documento “livros” e “folhetos”, como no exemplo a seguir: *Alguns livros, e folhetos truncados, no vallor de cento e vinte reis, digo cento trinta e dois folhetos*<sup>3</sup>.

Deste modo, a descrição resumida do acervo documental condiciona uma perspetiva construtiva da sua análise. As conjunturas em que foram elaborados cada um dos instrumentos e os seus objetivos permitem explicar as particularidades que diferenciam os respetivos instrumentos: o Catálogo destinava-se à identificação de cada documento para

<sup>2</sup> ANTT - Ministério das Finanças. Cx.2.251, n.º 366, fl. 12v.

<sup>3</sup> ANTT – *Idem, ibidem*, fl.12.

fins de fiscalização do conteúdo dos livros, enquanto o Inventário tinha por objetivo a avaliação do valor material dos bens que o Convento possuía.

### **Resultados: números, anos e lugares de impressão, idiomas, formatos e áreas de conhecimento**

A título de resultados, em termos quantitativos e qualitativos, a análise do acervo bibliográfico, constituído no período de 1542-1834, incidiu sobre número de títulos e volumes, anos e lugares de impressão, e áreas de conhecimento, entre outros.

Importa referir que, nesta análise, quando oportuno, complementamos o respetivo relato com dados extraídos do catálogo de I. Rocha (1994).

### **Números**

**Tabela 1 – Número de títulos e volumes**

Fontes	Ano de criação do catálogo/inventário	Período de constituição da coleção	Números			
			Títulos	Volumes	Folhetos	Manuscritos
Catálogo	1769-1770	1542 -1769	732	1 030	-	-
Inventário	1834	1542 - 1834	-	1 879	156	-
Catálogo de I. Rocha	1994	1542-1834	1 199	-	-	10

**Fonte:** Elaboração dos autores

Ao começar com a dimensão numérica da *Livraria*, no quadro sincronizado supra, segundo o catálogo de 1769-1770, a coleção estava constituída por 732 títulos em 1.030 volumes. O Inventário de 1834, que evidentemente abarca um período mais alargado, balizado entre os anos 1542 e 1834, quantifica 2.035 itens, dos quais identificamos 1.879 volumes e 156 folhetos. Se compararmos os 1.879 volumes deste *inventário* com as quantitativas do catálogo de 1769-1770, que contava na altura com 1.091 volumes correspondentes aos 732 títulos, constatamos um aumento de número de volumes em 26%. No catálogo de I. Rocha, que, para o fundo antigo da *Livraria*, em termos cronológicos, refere a mesma dimensão temporal que o Inventário, isto é 1542-1834, o quadro numérico é ligeiramente diferente, apresentando 1.199 (considerados como títulos) obras impressas e 10 manuscritos.

Conhecendo os números, seria relevante conhecer qual era a dimensão bibliográfica da *Livraria* da Arrábida no espaço português naquele contexto temporal.

Ao identificarem os critérios quantitativos que definem se uma biblioteca é grande ou pequena, Giurgevich e Leitão (2016:XX) sugerem uma classificação das respetivas bibliotecas, com base no número de volumes, que são agrupados da seguinte forma:

- Bibliotecas de muito grande porte: com mais de 20.000 volumes;
- Bibliotecas de grande porte: entre 5.000 e 20.000 volumes;
- Bibliotecas de grandeza média: entre 2.000 e 5.000 volumes;
- Bibliotecas pequenas: com menos de 2.000 volumes.

A partir da classificação supra, a *Livraria* do Convento da Arrábida, com 732 obras em 1.030 volumes, identifica-se, no final do século XVIII, como uma *Biblioteca pequena*, em que os mesmos autores integram neste grupo cerca de 300 bibliotecas. Numa abordagem pontual, os dados obtidos por Campos (2015:73-75) permitem situar a *Livraria* do Convento da Arrábida na 20.<sup>a</sup> posição no universo de 61 de *livrarias* do final do século XVIII. É uma posição relevante se se considerar que no referido estudo há registos de *livrarias* com menos de 100 obras.

### Anos de impressão

Relativamente aos anos de impressão, a análise incide sobre os dados do catálogo de 1679-1770. Do estudo efetuado neste campo resulta que o volume mais antigo existente na *livraria* data de 1493, enquanto o livro mais recente é de 1766. Dado que o inventário de 1834 não fornece informações desta natureza, recorreremos ao catálogo de I. Rocha, a partir do qual sabemos que em 1994 os documentos presentes no acervo atestam os anos de impressão abrangidos entre 1507 e 1830. A primeira observação que sobressai desta análise indica que os três incunábulos atestados no catálogo de 1760-1770, não se encontravam no acervo em 1994.

Em relação ao ano de impressão dos títulos, segundo o catálogo, do número total de 732 títulos existentes na *Livraria*, três foram impressos ainda no século XV, 175 títulos provêm do século XVI, 277 títulos são do século XVII, e, por fim, registam-se 275 títulos do século XVIII. Como se pode verificar na Tabela 2, existem ainda dois títulos, cujos anos de impressão não estão mencionados no catálogo. Uma representação gráfica destes elementos evidencia que do número total de livros existentes na *Livraria* até o ano 1766, 38% pertence a edições do século XVIII, o século XVII contém igualmente 38%, seguindo-se o século XVI com 23%, e o século XV, com apenas 1%.

**Tabela 2 – Distribuição dos títulos impressos por séculos**

Século	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	S. d.	Total
Número	3	175	277	275	2	732
%	1%	23%	38%	38%	12	100%

**Fonte:** Elaboração dos autores

Importa referir que o ano de impressão de um determinado documento está relacionado com o desenvolvimento da imprensa no espaço geográfico europeu. Quais são os lugares de impressão num determinado período de tempo? Qual o papel da imprensa portuguesa

na constituição de acervos das *livrarias* religiosas em geral, e franciscanas, em particular, incluindo as arrábidas? Das perguntas em questão resultou um quadro, que interessa as dimensões espacial e temporal, mostrando distintamente quais os lugares de impressão num determinado período de tempo.

**Tabela 3 – Relação do lugar de impressão com ano de impressão**

País/Século	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	s. d.	Total
Portugal		11	143	222		<b>376</b>
Espanha		23	83	38		<b>144</b>
Itália <sup>4</sup>	2	12	13	10		<b>37</b>
Alemanha <sup>5</sup>		25	12			<b>37</b>
França		52	12	3		<b>67</b>
Bélgica <sup>6</sup>		32	13			<b>45</b>
Suíça <sup>7</sup>	1	18	1			<b>20</b>
<b>Subtotal</b>	<b>3</b>	<b>173</b>	<b>277</b>	<b>273</b>		<b>726</b>
S. l.		<b>3</b>	<b>1</b>		<b>2</b>	<b>6</b>
<b>Total</b>		<b>176</b>	<b>278</b>		<b>2</b>	<b>732</b>

**Fonte:** Elaboração dos autores

Deste modo, os três incunábulo vieram da Itália e da Suíça. Os livros editados no século XVI vieram, por ordem decrescente, da França – 46 títulos, da Bélgica – 35, da Alemanha – 25, da Espanha – 20, da Suíça – 18, e da Itália – 11. Neste século, Portugal é representado por apenas 11 títulos.

Já no século XVII, o país com maior número de títulos editados é Portugal, com 145, seguido pela Espanha, com 85 títulos, o que se poderá explicar pela proximidade. Os “países” mais representados no século XVI diminuem para menos de 20 títulos cada, como observamos na tabela supra – Itália tem 14 títulos; Bélgica e França, 13 cada; Alemanha, 9; e Suíça, apenas 1 título.

No século XVIII, Portugal continua a dominar o panorama dos livros impressos da *Livraria* com 220 títulos, de um total de 273, enquanto a Espanha tem apenas 36 e os outros países apresentam menos de 10 títulos cada.

<sup>4</sup> As cidades do atual território da Itália integravam, nos séculos XV-XVIII, os territórios da Península Itálica. Optamos por utilizar o nome moderno, assim como para os territórios antigos da Alemanha, da Bélgica e da Suíça.

<sup>5</sup> Alemanha, no período em análise.

<sup>6</sup> Países Baixos, no período em análise.

<sup>7</sup> Confederação Helvética, no período em análise.

### **Lugares de impressão**

No que concerne ao lugar de impressão, identificamos a origem de 726 dos 732 títulos que o Catálogo abrange.

**Tabela 4 – Número de títulos impressos por país**

<b>País</b>	<b>Número de títulos</b>
Alemanha	37
Bélgica	45
Espanha	144
França	68
Itália	37
Portugal	376
Suíça	20
<b>Total</b>	<b>726</b>

**Fonte:** Elaboração dos autores

Na leitura da Tabela 4, verifica-se que os livros integrados na *Livraria* foram impressos em 7 países, sendo o mais representativo Portugal – com 376 títulos, seguido de Espanha com 144 títulos. Dos restantes cinco países - França, Bélgica, Itália, Alemanha e Suíça - cada país figura no catálogo com menos de 100 obras. A primeira observação é a de que o universo da *Livraria* do Convento permite situar a impressão dos livros em 41 cidades da Europa. Os lugares de impressão mais representativos são: Veneza – 19 títulos; Colónia – 31; Antuérpia – 37, Lyon – 32, Paris – 35, Madrid – 64, Barcelona – 18, Lisboa – 337. A articulação dos números de exemplares e dos lugares onde foram impressos reflete o desenvolvimento editorial nas cidades da Europa, entre os séculos XV e XIX. No seu estudo, Febvre (2000:259) relata que os grandes centros editoriais na Europa católica são os grandes centros do Renascimento religioso, particularmente, na Alemanha – Colónia, nos países Baixos – Antuérpia, e em França – Paris e Lyon. Assim se explica que países como a Alemanha, a França e a Bélgica, que se manifestaram como centros importantes de impressão nos séculos XV e XVI, prevaleçam sobre outros países neste mesmo período, como se pode verificar na Tabela 4. Já dos séculos XVII-XVIII, predominam livros editados em Portugal e em Espanha no acervo da *Livraria*. E neste sentido, ao verificar-se “uma crescente subida do número de títulos desde os finais do século XVII até meados do século XVIII” (ANSELMO, 1997:89), o acesso aos livros impressos é facilitado preponderantemente por oficinas portuguesas que, entretanto, se desenvolveram no espaço lusitano, nomeadamente nas décadas a seguir à União Ibérica.

### **Formato dos documentos**

Na elaboração do Catálogo da *Livraria* do Convento da Arrábida, os autores seguiram as indicações impostas pela Real Mesa Censória que, entre outras, exigiam o registo de formatos dos documentos existentes na *Livraria*. *Em cada classe se assentarão por ordem Alfabética, primeiramente os Livros de Fólio, seguindo-se logo os de quarto, a estes os de oitavo*, como impunha a lei publicada, a 10 de julho de 1769 (TRIGOSO, 1679:71, citado por

MARQUES, 1963:58). Neste contexto, a sequência do formato do maior para o menor, conjugada com a sequência alfabética, apresenta-se como um dos elementos-chave na construção da estrutura do respetivo catálogo.

Portanto, segundo o catálogo, a *Livraria* tinha volumes nos três formatos mais utilizados nos séculos em análise, ou seja, *in folio*, *in quarto* e *in octavo*. A análise da distribuição dos títulos por formato mostrou que, do número total de 732 de títulos, *in folio* existiam 209 títulos, *in quarto* - 249 títulos e *in octavo* - 274 títulos, assim como se apresentam na tabela seguinte:

**Tabela 5 –Número de títulos por formato**

<i>In folio</i>	<i>In 4.º</i>	<i>In 8.º</i>	Total
209	249	274	732

**Fonte:** Elaboração dos autores

Verifica-se que o número dos livros *in octavo* é ligeiramente maior do que o número dos livros *in folio* e *in quarto*. Em outros termos, os documentos *in octavo* representam 37% do total de títulos, enquanto os livros *in quarto* e *in folio* constituem, respetivamente, 34% e 29%.

O formato dos documentos remete para o tipo de utilização, que implicitamente compreende o tipo de leitura. Neste contexto, para Játiva Miralles, os impressos de tamanho grande como *folio*, *4º* y *8º* *formatos de edición [son] vinculados a obras destinadas a la enseñanza, la lectura individual e a recoger sermones o comentarios latinos de las Sagradas Escrituras* (JÁTIVA MIRALLES, 2007:319). Em relação aos formatos pequenos, a mesma autora refere, igualmente, a relação entre o tamanho e modo de utilização do livro por parte do leitor: *En menor medida, se hallan libros de tamanho mediano, formatos 12º, 16º e 32º, fáciles de transportar y no demasiado pesados, que se destinaban a la enseñanza en forma de manuales y libros de texto* (JÁTIVA MIRALLES, 2007:319).

Os vários tamanhos dos livros não se relacionam apenas como o modo de interação do leitor no ato de leitura. A existência de volumes em vários formatos implica aplicar critérios de arrumação, de forma a assegurar a otimização da organização do espaço de uma biblioteca. No caso da *Livraria* em estudo, a forma como as prateleiras são concebidas, designadamente a diversidade de alturas<sup>8</sup>, sugere uma organização dos volumes em função do formato.

<sup>8</sup> Segundo medidas efetuadas no local, verificou-se a dimensão diferente de altura das prateleiras. De cima para baixo: a prateleira 1 tem 19 cm; a prateleira 2 – 22 cm; a prateleira 3 – 30 cm; a prateleira 4 – 32 cm; a prateleira 5 – 37 cm; a prateleira 6 – 39 cm; a prateleira 7 – 43 cm.

### **Idioma dos documentos**

Em relação aos idiomas em que foram escritos os volumes da *Livraria*, no catálogo de 1769-1770 não é feita referência aos mesmos, devendo, por isso, considerar os resultados obtidos com a devida margem de erro. Verificou-se que os documentos estão escritos em português, espanhol, latim, italiano e francês, como apresentado na Tabela 6.

**Tabela 6 – Número de títulos por idioma**

Português	307
Espanhol	151
Latim	247
Italiano	9
Francês	1
Desconhecido	17
<b>Total</b>	<b>732</b>

**Fonte:** Elaboração dos autores

Traduzindo em valores concretos, e de acordo com as tabelas acima expostas, observamos que predominam as obras impressas em português, com 307 títulos ou 41% do total. Seguem os documentos em latim, com 247 títulos, o que perfaz 36%. Ainda em número significativo é representada a língua espanhola, cujos 151 títulos se traduzem em 20% do total. Os outros idiomas são representados em números visivelmente inferiores aos referidos. São volumes escritos em italiano, que constituem apenas 1%, ou 9 títulos, e em francês, com apenas um título identificado. Não foi possível definir qual o idioma de 17 títulos.

**Tabela 7 – Distribuição de idiomas por séculos**

Idioma	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	s. d.
Espanhol		21	96	34	
Francês				1	
Italiano		6	3		
Latim	3	136	73	33	2
Português		2	102	203	
<b>Subtotal</b>	<b>3</b>	<b>165</b>	<b>274</b>	<b>271</b>	
Desconhecido		10	3	4	
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>175</b>	<b>277</b>	<b>275</b>	

**Fonte:** Elaboração dos autores

Os 3 livros do século XV e 136 de títulos do total de 175 títulos do século XVI são em latim, enquanto os exemplares em português constituem apenas dois títulos.

Já nos séculos XVII e XVIII prevalecem os livros escritos em português, isto é, 102 títulos face a um número de 73 livros em latim. É significativo para o século XVII o número de livros em espanhol, que reúne um total de 96 obras, expressão do “volume editorial nesta língua usada por autores portugueses no período da união ibérica” (CARDOSO, 2013).

No século XVIII, o número de livros em português duplicou face ao número do mesmo idioma do século precedente, evoluindo para 203 títulos, enquanto os livros em espanhol e latim desceram para 34 e 35 títulos respetivamente. Neste século, temos ainda o único livro identificado em francês. Ao analisar os idiomas da Biblioteca de Tibães, Cardoso (2013) define claramente as tendências de utilização dos mesmos no contexto português, tendências que caracterizam também o quadro idiomático da *Livraria* do Convento da Arrábida: “As livrarias portuguesas do século XVIII evidenciam tendências para se abastecerem de livros em linguagem nacional preferindo de seguida o latim, enquanto língua de comunicação universal para o mundo de então [...]” (CARDOSO, 2013:367-368). Deste modo, a presença quantitativa de um determinado idioma, em qualquer acervo documental no contexto religioso, é condicionada pelas tendências de utilização deste num determinado espaço temporal.

### ***Aspetos de constituição do acervo bibliográfico da Livraria do Convento da Arrábida***

Antes de avançarmos, considera-se necessário elucidar um ponto particular, relativamente à definição do conceito de uma *livraria* situada em contexto conventual. O título do catálogo em análise, *Catálogo Alfabético dos Livros, que se açhão assim na Livraria como nas Cellas dos Religiosos deste Convento*, indica claramente que o lugar onde se guardavam os livros não se limitava somente ao espaço da *Livraria*, um facto estipulado anteriormente nos *Estatutos da Província de Santa Maria da Arrábida*: [...] *que nesta Província se entendera por livraria não só a casa commua aonde os livros se guardião, mas qualquer cella, ou lugar do Convento, em que qualquer livro se achar, & estiver posto; [...]* (ORDEM..., 1698:49). Com base no exposto, para Giurgevich e Leitão (2016:XXXV), como muito bem observam, uma *livraria* conventual é caracterizada como uma “biblioteca fluída” ou uma “biblioteca ramificada”.

Na definição dos mesmos autores, “uma casa religiosa pode imaginar-se de facto como um espaço múltiplo de bibliotecas, constituído por uma livraria comum rodeada de livrarias particulares e especializadas (a livraria do coro, a da igreja, a da botica, a da biblioteca manuscrita, a coleção de livros proibidos, a livraria *ad usum* dos religiosos, etc.” (GIURGEVICH e LEITÃO, 2016:XXXV). Com esta ideia explícita de “biblioteca fluída”, hipoteticamente, a constituição do acervo no contexto da *livraria* do convento decorreu igualmente num sentido mais amplo, que vai além do espaço propriamente dito.

A constituição do acervo bibliográfico da *Livraria* do Convento da Arrábida foi um processo cujo estudo levanta mais questões do que revela respostas. Tentaremos procurar respostas para esta questão, projetando uma abordagem que terá como base as possíveis práticas de aquisição/constituição para a qual nos apoiaremos nas fontes primárias e nas informações obtidas preponderantemente do estudo introdutório e notas que Rocha (1994) associou aos registos catalogados.

“As bibliotecas eclesiásticas foram o resultado de séculos de acumulação de livros”, como constatarem Giurgevich e Leitão (2016:XXVI). Os estatutos e os regulamentos das instituições religiosas estabeleciam, entre outras, políticas de aquisição de livros que, segundo Giurgevich e Leitão (2016), consistiam em compras, na incorporação dos livros de defuntos e noviços, em legados, doações, ofertas dos autores ou empréstimos.

Relativamente à constituição das *livrarias* conventuais da Província da Arrábida, de que modo os *Estatutos da Província de Santa Maria da Arrábida...* (1698) abordavam o respetivo assunto? No capítulo XXIV intitulado *Dos livros & livrarias*, os *Estatutos* determinavam:

[...] para que em todos os Conventos possa haver quantidade de livros, em que os Religiosos se apliquem, & estudem, o que lhes he necessário, mandamos, que cada hum dos Prelados locais em o tempo do seu governo procurem pôr livros novos no seu Convento, ou de pessoas devotas, ou das esmolas indiferentes. [...] E os livros, que ficarem dos Frades defunctos repartirá o Irmão Ministro pelas livrarias da Província, que mais necessitarem deles; [...] (ORDEM..., 1698:49).

Das indicações supra, verifica-se claramente a preocupação em obter livros, procurando utilizar várias formas possíveis ou existentes para este fim, compreendendo as compras, as doações, a incorporação de livros dos defuntos. À procura de exemplos concretos para a *Livraria* do Convento da Arrábida, recorreremos a uma das fontes primárias sobre o Convento, *Espelho de penitentes...* (PIEIDADE e JESUS MARIA, 1728-1737) que, no entanto, se apresenta pouco elucidativa no que diz respeito aos aspetos relacionados com os livros. As poucas informações, que encontramos, neste sentido, referem que Pedro de Mesquita Carneiro, que viveu de 1639 até 1649 nas casas construídas na serra, fora da cerca do Convento, deixou os seus livros ao Convento. Quais e quantos, e se ainda se encontram no espólio, são perguntas sem respostas, por enquanto.

As notas adicionadas aos registos por I. Rocha no seu Catálogo (1994) oferecem mais informações, embora insuficientes, se reportadas ao número total de 1.199 obras que o acervo integra atualmente. Encontramos aproximadamente 39 obras acompanhadas de notas acerca de quando deram entrada na *Livraria*, por quem foram oferecidas ou a quem pertenciam. Sem pretender efetuar uma análise sequencial e completa das formas de entrada dos livros, tendo em conta que se trata de uma amostra reduzida e não seria conclusiva no global, iremos apenas referir alguns exemplos que extraímos do respetivo Catálogo. A título de exemplo, soubemos que o religioso arrábido D. Frei António Pádua Bellas, bispo, ofereceu à *Livraria*, em 1804, as obras *Magnum Bullarium Romanum* (Luxemburg, 1735-1758), em 19 volumes, e *Concilia Generalia e Provincialia Graeca e Latina...* (*Lutetiae Parisiorum*, 1636) (ROCHA, 1994:68, 184), enquanto o livro *Sancti Bonaventurae ex Ordini Minorum...*, (*Lugduni*, 1688), em sete volumes, foi oferecido à *Livraria* do Convento da Arrábida, em 1788, pelo Cardeal Joaquim José dos Reis (ROCHA, 1994:69).

Se nos exemplos acima referidos sabemos que os livros integraram o acervo através de oferta, bem como quem os ofereceu e a data em que ocorreu, os exemplos que se seguem, permitem saber apenas a quem pertenceram. Estes são *D. Dionysii Carthusiani in quatuor Parisiis*, 1553), de Dionísio Cartusiano, que “segundo indicação manuscrita no rosto, este volume pertencia a Livraria do Duque de Aveiro” (ROCHA, 1994:114). Ainda sobre uma

encadernação, que inclui duas obras distintas – *F. Alfonsi à Castro zamorensis, Ordinis Minorum Regulares Observantiae*, (Salmanticae, 1550), de frei Afonso de Castro, e *De natura & gratia* (Salmanticae, 1561), de frei Domingo de Soto, Rocha (1994:83, 286) observa que “no rosto tem escrito à pena: “*D. Azeitão/da Livraria do Duque*” (*Duque de Aveiro?*). Pelas notas manuscritas sobre estas obras, e pelos anos de impressão dos livros, defende-se a possibilidade do que os livros pertenciam a D. João de Lencastre, 1.º Duque de Aveiro, e deve ter sido um dos primeiros que contribuiu para a constituição da *livraria* conventual. Não sabemos a data de entrada destes livros na *livraria* do convento, mas é muito provável que estivessem entre os primeiros livros a serem integrados na coleção daquela.

Ainda neste grupo de exemplos que têm indicada uma nota de posse, inscrevem-se um volume de *Sermões* (*Sevilha*, 1615), do padre Francisco Fernandes Galvão que, nas palavras de Rocha (1994:144), “este volume era “*de uso*” do escritor e pregador Frei Manuel das Chagas que governou o Convento da Arrábida e morreu em 1647”, e ainda *Ceremonial moderno da Província da Arrábida, segundo o rito Romano, e Seráfico:...* (Lisboa, 1752), de frei João de São José do Prado, que tinha como nota manuscrita *Este Seremunial E do uso do Sr Fr Manoel de Jezus de Sezimbra* (ROCHA, 1994:273).

Alguns livros, de acordo com o mesmo investigador, indicam apenas a data de entrada no Convento, sem referência a quem pertenceram ou a quem os ofereceu. A título de exemplo, “as obras de Torrecilla entraram todas na Livraria do Convento da Arrábida em 1715, de acordo com inscrição manuscrita nas guardas” (ROCHA, 1994:298-299). Esta observação refere-se aos vários livros de Frei Martin de Torrecilla, sendo que atualmente o acervo tem sete títulos em 9 volumes, com anos de edição diferentes. O mesmo número de volumes atesta o catálogo de 1769-1770, mas concentrados num único item com o título *Obras morales*, (Madrid, 1702), o que não nos permite afirmar se consistem dos mesmos exemplares ou não.

Relativamente à obra *Theologia Christiana Dogmatico-moralis* (Roma, 1763), em 10 volumes, de um outro autor notório, Frei Daniel Concina, todos os volumes desta obra têm uma inscrição na página de rosto, que deram entrada na *Livraria* do Convento em 1764, quando era Guardião frei António de Jesus Maria (ROCHA, 1994:98). Contrapondo a data de impressão da obra, 1763, com a data da entrada, 1764, questionamos se se tratará de uma compra. Provavelmente sim, mas sem outros indícios esclarecedores, ficamos no mesmo campo hipotético.

Seja como for, os exemplos mencionados são indícios, ainda que reduzidos, de como se havia constituído a *livraria* do convento ao longo dos séculos, segundo as fontes ou recursos que abordam diretamente aspetos da constituição do acervo arrábido. E compreendemos neste campo as doações, as notas de posse ou as aquisições.

Por outro lado, sabemos que o Convento foi fundado pelos franciscanos espanhóis e era muito procurado por estes. Nesta ordem de ideias, seria legítimo supor que os frades traziam livros consigo quando vinham instalar-se no convento.

No contexto nacional, segundo Fernandes (2002), vários estudos confirmam uma presença significativa de livros espanhóis nas bibliotecas públicas portuguesas, fenómeno justificado pelo facto de “que as relações culturais entre Portugal e Espanha na Época Moderna – e muito particularmente no século XVII – foram, manifestamente, alimentadas pelo

intercâmbio e circulação de livros...” (FERNANDES, 2002). Tendo em conta as regras dos Estatutos, que manifestam a preocupação do que cada prelado devia zelar para *pôr livros novos no seu Convento*, o intercâmbio e a circulação de livros deveria ter sido uma outra forma aceite para contribuir para o enriquecimento do acervo.

Passando para um último ponto, relativamente à constituição das coleções, menciona-se que o processo de evolução não é assegurado apenas pelas entradas de livros no acervo. A preservação destes, a preocupação de não os perder e de os usar devidamente são também fatores que contribuem para a segurança e a continuidade do acervo. Estabelecem os já referidos Estatutos no capítulo XXIV, *Dos livros, & livrarias*:

**Em virtude do Espírito Santo, & sob pena de excomunhão *latae sententiae*, mandamos que nenhum Frade súbdito ou Prelado dê, empreste, aliene, commute de qualquer sorte que seja, livro algum ou livros dos aplicados às livrarias dos Conventos [...] (ORDEM..., 1698:49).**

Apesar das duras penas, que eram aplicadas àqueles que não cumpriam as regras, não sabemos até que ponto os religiosos do Convento da Arrábida respeitaram as obrigações impostas. Todavia, com base no valor do conteúdo qualitativo e quantitativo do acervo, que ainda hoje é testemunho do que fora outrora, supõe-se que os religiosos do Convento da Arrábida foram responsáveis com os livros que lhes passaram pelas mãos. Uma observação que remete para a compreensão, para a consciência coletiva, desde os tempos da fundação da canónica, do poder e do valor intrínseco do livro em todas as suas dimensões. Valor este que, no contexto visado, é sinónimo da procura da elevação religiosa ou espiritual, bem como do desejo de formação e conhecimento. Os frades procuravam, através da palavra escrita, compreender, conhecer, saber, sentir, viver e/ou até morrer...

### **Conclusão**

Ao longo deste estudo, procurámos encontrar pontos que definissem a *Livraria* do Convento da Arrábida, nomeadamente no que diz respeito ao conteúdo do acervo documental, a partir da análise do *Catálogo de 1769-1770* e do *Inventário da extinção de 1834*. Com base no exposto sobre a constituição do acervo, a composição temática, a distribuição por idiomas e séculos, constatou-se que a evolução da *Livraria* do Convento da Arrábida no Antigo Regime tem traços comuns com as *livrarias* conventuais no contexto nacional e europeu.

Atesta-se que os catálogos e os inventários são fontes imprescindíveis para a análise dos acervos conventuais. Porém, o conteúdo que estes integram condiciona os resultados da análise. Neste caso, a dificuldade mais evidente decorreu do facto de que o conteúdo limitado do Inventário de extinção de 1834 não permitiu dar continuidade à análise do acervo efetuada com base no catálogo de 1769-1770. Ainda assim, independentemente das diferenças e/ou limitações que os caracterizam, no seu conjunto, as fontes analisadas não deixam de ser, cada uma à sua maneira, recursos valiosos no campo de estudo da *Livraria* do Convento da Arrábida, em particular, e das bibliotecas eclesíásticas do Antigo Regime, em geral.

Em termos quantitativos, constata-se que a *Livraria* da Arrábida não era uma biblioteca de grande porte, no entanto também não pode ser considerada pequena, tendo

especialmente em conta que pertencia ao ramo da Estrita Observância da Ordem Franciscana, que desprezava qualquer tipo de posse.

A presença de incunábulos, de obras eruditas de Santos Padres da Igreja, de clássicos latinos e gregos, de autores humanistas, remetem para uma *Livraria* de estudo e formação. No seu conjunto, a *Livraria* do Convento da Arrábida reuniu durante a sua existência um acervo relevante em termos quantitativos, temáticos e qualitativos.

Para concluir, se o conjunto de *livrarias* conventuais constitui um macro universo, a *Livraria* do Convento da Arrábida é um microuniverso com dimensões ainda por explorar em possíveis estudos futuros. Incluímos neste âmbito a análise do acervo no período 1770-1834, com base no catálogo de I. Rocha, dado que o inventário de 1834 não possibilitou o respetivo estudo. A par da presença dos autores arrábidos na respetiva *livraria*, deparámo-nos com a escassez de fontes, que silenciam esses quotidianos e que nos poderiam oferecer mais informação, cujo rasto perseguimos, porém ainda sem resultados. A consulta do arquivo da Casa de Palmela poderá ser aqui reveladora.

### **Referências bibliográficas**

**ANSELMO, Artur**

1997 *Estudos de história do livro*. Lisboa : Guimarães Editores, 1997.

**BARATA, Paulo**

2003 *Os Livros e o Liberalismo : da livraria conventual à biblioteca pública*. Lisboa : Biblioteca Nacional, 2003.

**CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de**

2015 *Para se achar o que facilmente se busca : bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso : séc. XVIII*. Casal Cambra : Caleidoscópio, 2015.

**CARDOSO, António Barros**

2013 *Livrarias e bibliotecas na Europa dos tempos modernos*. In *The Overarching issues of the European space: strategies for spatial (re)planning based on innovation, sustainability and change = estratégias de (re)ordenamento territorial num quadro de inovação, sustentabilidade e mudança*. [Em linha]. Porto : Faculdade de Letras da Universidade, 2013, p. 361-373. [Consult. 27 jan. 2017]. Disponível em: [http://catalogo.up.pt:80/F/?func=direct&doc\\_number=000818037&local\\_base=FLUP](http://catalogo.up.pt:80/F/?func=direct&doc_number=000818037&local_base=FLUP).

**CARVALHO, José Adriano de Freitas**

1998 *Da memória dos livros às bibliotecas da memória : inventário da livraria de Santo António de Caminha*. Porto : Centro Universitário da Espiritualidade, 1998, vol. 1.

**FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean**

2000 *O Aparecimento do livro*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

**FERNANDES, Maria de Lurdes**

2001-2002 Uma Biblioteca ibérica? *Leituras : revista da Biblioteca Nacional*. 9/10 (2001/2002) 123-176.

**GIURGEVICH, L.; LEITÃO, H.**

2016 *Clavis Bibliothecarum : catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. [S. l.]: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016.

**JÁTIVA MIRALLES, Maria Victoria**

2007 *La Biblioteca de los jesuitas del colegio de San Esteban de Murcia*. [Em linha]. [Murcia] : Departamento de Información y Documentación, Universidad de Murcia. [Em linha]. 2007 [Consult. 13 ago. 2017]. Disponível em: <https://digitum.um.es/digitum/handle/10201/109>. Tese de doutoramento.

**JOLLY, Claude**

1998 Unité et diversité des collections religieuses. In *Histoire des bibliothèques françaises. Vol. 2 - Les Bibliothèques sous l'Ancien Régime, 1530-1789*. Dir. Claude Jolly. Paris: Promodis ; Cercle de la Librairie, 1998, p. 11-29.

**MARQUES, Maria Adelaide Salvador**

1963 *A Real Mesa Censória e a cultura nacional : aspectos da geografia cultural portuguesa do século XVIII*. Coimbra : Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1963.

**ORDEM DOS FRADES MENORES**

1698 *Estatutos da provincia de Santa Maria da Arrábida da mais perfeita Observancia de nosso Seraphico Padre S. Francisco [...]*. Lisboa : Na Officina de Miguel Deslandes, 1698.

**PEREIRA, Paulo**

2006 *Convento da Arrábida : a porta do céu*. [Lisboa] : Fundação Oriente, 2006.

**PERESTRELO, Dulce**

1952 *A Serra da Arrábida e o seu convento*. Lisboa : [s. n.], 1952.

**PIEIDADE, António da; JESUS MARIA, José de**

1728-1737 *Espelho de penitentes e Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrábida, da Regular, e mais Estreita Observância, da Ordem do Seráfico Patriarcha S. Francisco*. Lisboa Ocidental : Officina de Joseph António da Silva, 1728-1737. 2 vol.

**RAIMUNDO, Ricardo A. Varela**

2008 O Sagrado e o profano nas leituras torrienses na segunda metade do século XVIII. In SILVA, Carlos Guardado, coord. - *História do sagrado e do profano*. [Lisboa] : Edições Colibri ; Torres Vedras : Câmara Municipal, 2008.

**ROCHA, Ilídio**

1994 *Catálogo da livraria do Convento da Arrábida e do acervo que lhe estava anexo*. Lisboa : Fundação Oriente, 1994.

**SILVA, Carlos Guardado da**

2013 Perspectivas de investigação em Ciência da Informação. In: ENCONTRO IBÉRICO EDICIC 2013, 6º, Porto – *Globalização, Ciência, Informação: atas*. [Em linha]. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, CETAC.MEDIA, 2013, p. 355-369. [Consult. 6.11.2016]. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/745142-VI-Encontro-Iberico-EDICIC-2013-Globalizacao-Ciencia-Informacao/>.

**VAZ, Francisco António Lourenço**

2013 A Biblioteca do Convento de Jesus, 1755-1834 : a herança de D. Frei Manuel do Cenáculo. In *As Bibliotecas e o livro em instituições eclesiais : actas...* [S. l.]: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, p. 133-149.

**Fontes manuscritas**

**MINISTÉRIO DAS FINANÇAS**

1834 *Convento de Nossa Senhora da Serra da Arrábida*. [Inventário dos bens pertencentes ao Convento de Nossa Senhora da Arrábida, 1834].  
ANTT - Cx. 2251, proc. nº 366

**REAL MESA CENSÓRIA**

1769-1770 *Catalogo alfabético dos livros, que se açhão assim na Livraria como nas cellas dos relig.os deste convento*. Catálogos das livrarias particulares (1769-1770).  
PT/TT/RMC/B-C2  
ANTT - Cx. 117, Cat. 405

Aurelia Ionel | aureliaionel@yahoo.com

Município de Sesimbra

Carlos Guardado da Silva | carlosguardado@campus.ul.pt

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa